

Apresentação

Corpografias: narrativas a partir da saúde e do adoecimento

Ana Clara Damásio (PPGAS-UFG)
Will Pena (PPGAS-UnB)

Nos encontrávamos às quintas-feiras por volta das oito horas da manhã em uma sala do Instituto de Ciências Sociais (ICS), na Universidade de Brasília (UnB). A sala, semelhante às demais do prédio, contava com uma longa mesa de madeira redonda e cadeiras distribuídas ao redor, esperando pacientemente por suas ocupantes.¹ Havia uma janela em um extremo da sala e uma lousa branca no outro. A janela iluminava o espaço em uma ponta; a porta, no outro extremo, ajudava a fazer com que não nos sentíssemos em um local fechado. Algumas alunas chegavam com café em mãos, outras com algo para comer, outras com água. Algumas vinham de regiões centrais da cidade; outras, de áreas mais distantes. Umás aparentavam estar mais despertas e ativas, outras mais sonolentas e ainda entrando no ritmo. Da porta, sempre aberta, era possível ver as pessoas que transitavam lá fora e que também espiavam o que ocorria em nossa sala.

Habitamos esse espaço ao longo do segundo semestre de 2019 para cursar a disciplina “Adoecer e narrar: Aportes da Antropologia da saúde” no Departamento de Antropologia (DAN-UnB), ministrada pela Profa. Dra. Soraya Fleischer. Os tempos eram outros. A pandemia da COVID-19, que se instalaria alguns meses após o fim da disciplina, e as medidas de sanitárias decorrentes, envolvendo a restrição do convívio social, ainda eram uma realidade inimaginável por todas ali presentes. Acreditamos que

a disciplina – nossa última experiência de contato presencial com outras estudantes – foi enriquecedora em muitos sentidos: discussões potentes e inspiradoras, uma diversidade de vozes, uma vastidão de narrativas. Infelizmente, apesar de acompanhar um pouco do processo de elaboração dos trabalhos finais das colegas, não pudemos conhecer seus finalmentes, o trabalho em si. Ao fim da disciplina, a Profa. Soraya Fleischer comentou conosco que muitos deles continham um potencial enorme, matéria-prima que merecia ser talhada e ganhar os olhos de uma gama maior de leitoras. Com isso em mente, e também por sugestão da Soraya, decidimos iniciar a feitura de um dossiê com o tema da disciplina: adoecimento e narrativa.

Assim, o dossiê “Corpografias: narrativas a partir da saúde e do adoecimento” nasceu. Todos os textos submetidos têm essa origem comum: os debates que reuniram estudantes de distintos níveis acadêmicos – graduandas, mestrandas e doutorandas – e de áreas diversas, em especial, a Antropologia e as Ciências da Saúde. O tema “narrativas”, suas acepções dentro do campo antropológico e também das áreas da saúde, ganhou destaque nessa seara. A Antropologia, em particular, sempre recorreu a narrativas na construção de suas proposições. A partir da década de 1970, no entanto, a efervescência de debates políticos e epistêmicos que rodearam a disciplina incorreu em novos olhares para as narrativas, tanto para aquelas “coletadas” em trabalhos de campo quanto para as que ela própria, a disciplina antropológica, produzia.

Nos estudos sobre saúde e adoecimento, a atenção aos relatos das pacientes, e de todas aquelas afetadas por uma enfermidade, mobilizou novas esferas de estudo e, igualmente, outras percepções sobre os processos de adoecimento. O conceito de “narrativas” se ramificou em distintas propostas: ora um método de pesquisa, ora uma categoria epistêmica, ora uma propriedade

ontológica. Nos trabalhos submetidos a este dossiê, há diferentes manejos desse conceito; todos os textos, no entanto, confluem para diálogos em que a grafia e o corpo se aliam: um corpo que adocece, um corpo que narra. Enfatiza-se que dentre os trabalhos apresentados, há aqueles em que a própria forma da escrita se distancia da canônica. Cartas, ensaios e artigos coabitam o conjunto disposto, flexibilizando, à sua maneira, as grafias possíveis dentro da produção científica.

É necessário pontuar que os textos que compõem o dossiê surgiram em um contexto que já não existe mais. São narrativas localizadas em um tempo em que a proximidade física era possível. O período de tais narrativas distanciou-se daquele no qual o dossiê ganhou forma, marcado pela pandemia da COVID-19. Estabelecemos contato, por meios digitais, com alunas da disciplina para saber se teriam interesse em compor o *corpus* de narrativas associadas ao dossiê e pedimos que nos encaminhassem seus textos finais da disciplina. Efetuamos a primeira leitura e nos reunimos por via remota para discuti-los, observar se nossas impressões iam na mesma direção e que retorno poderíamos dar a cada autora. Como organizadores do dossiê, nossa principal função foi a de efetuar uma leitura atenta e cuidadosa de todo o material, avaliar se havia pontos que necessitavam de algum amadurecimento, fazer sugestões, somar forças na transformação do "trabalho final" em um "artigo". Em seguida encaminhamos os textos para as autoras com comentários, sugestões e impressões. O trabalho de confecção dos textos em 2019 transitou por essa nova etapa, a partir dos debates gerados nessa leitura crítica. As peças, atualizadas nesse processo, foram encaminhadas para a Revista Pós, a quem agradecemos pelo empenho em direcioná-las a pareceristas anônimas(os), trazendo mais olhares e sugestões ao arcabouço formado, assim como pelo cuidadoso trabalho nas artes editoriais.

Ao total, o dossiê aqui apresentado é composto por seis peças. Como reflexo da disciplina que cursamos, alguns dos textos estão marcados por possibilidades de grafia que se distanciam de artigos, em seu sentido mais estrito. É o caso, por exemplo, do trabalho que abre o dossiê. Em “*Uma carta para Mark Freeman sobre a “promessa trágica” de doenças neurodegenerativas*”, Will Pena utiliza de um gênero textual pouco utilizado em veículos acadêmicos, a carta, para estabelecer diálogo com Mark Freeman, um dos teóricos contemplados na disciplina que cursamos. O texto traz questões relativas à convivência com familiares com doenças neurodegenerativas – questão cara tanto ao destinatário quanto ao remetente da carta –, em especial, no que tange a possibilidade de valer-se de teorias da narrativa para compreender as dinâmicas sociais que passam a vigorar nesses contextos. Críticas e apologias à narratividade emergem no trabalho.

Em “*Eu sou do tipo que não desisto: a construção de narrativas para pensar antropologia e a epidemia do Zika em Pernambuco*”, Bárbara Marques alinha sua narrativa às narrativas de mães e crianças cujos cotidianos foram atravessados pela Síndrome Congênita pelo Zika Vírus. Seu trabalho deriva de um assomo de experiências coletadas a partir de trabalhos etnográficos no contexto de manejo de Zika em Pernambuco. Distanciando-se de um aporte clássico, a autora vale-se dos dados etnográficos para a criação de uma narrativa ficcional e, assim fazendo-o, cativa os(as) leitores(as) a se inteirar de um contexto por muitos(as) desconhecido. Seu compromisso firma-se no retratar das chamadas “mães de micro”, que ganham o protagonismo da narrativa. Desestabilizar as barreiras entre ficção e etnografia é um ponto central do artigo e, em decorrência, encontra-se nele possibilidades renovadas para a transmissão do conhecimento antropológico.

Já em “*Como pode o “Outro” narrar? Considerações*

sobre viver, fazer e escrever na Antropologia”, Ana Clara Damásio aproxima-se de um estilo ensaístico para discutir a prática etnográfica entre interlocutoras que são também suas parentes (parentes-interlocutoras). A partir de um trabalho etnográfico realizado em Canto do Buriti (Piauí), local de morada de seus parentes, a autora discute a trajetória que permitiu que se constituísse enquanto um “Outro interno” na pesquisa e na narrativa. A autora transita por questões que tocam a proximidade com quem pesquisa, o papel da antropóloga enquanto narradora, métodos etnográficos coloniais e discussões que atravessam as descolonizações desses mesmos métodos. Seu trabalho também aborda as dificuldades de construir narrativas, no seio da Antropologia, aos(às) que por muito tempo foram situados apenas enquanto “objetos de pesquisa” e nunca como “pesquisadores(as)”.

Clarissa Cavalcanti, por sua vez, compõe o dossiê com o instigante *“Tinha um livro de ginecologia dentro do seu útero: a narrativa de Isadora sobre sua histerectomia”*. Derivado de sua pesquisa sobre histerectomia, o texto relata as repercussões do procedimento na biografia, trajetória, corpo e vida de uma de suas principais interlocutoras de pesquisa. Ficamos imersas em idas e vindas, revisões, prospectivas, dores e desejos. Uma das potências do texto é justamente expor como a narrativa, a partir do adoecimento, é subjetivadora de mundos. Acompanhamos também o impacto que o encontro com aquela interlocutora – uma de suas primeiras entrevistas enquanto antropóloga – teve nas concepções sobre o fazer antropológico da autora.

Em *“A potência das narrativas e a micropolítica do cuidado: o atendimento às mulheres vítimas de violência doméstica em um hospital de urgência na periferia de São Luís-MA”*, Talita Carvalho utiliza como fio condutor a narrativa de uma profissional de saúde que enfrenta e lida cotidianamente com outras narrativas.

Aqui temos camadas e camadas de narrativas. Pacientes que nar-ram para a interlocutora, interlocutora que narra para pesquisadora e pesquisadora que narra para nós. As narrativas concernem e per-passam pacientes, violências, saúde, famílias, corpos, mutilações e como o Sistema de Saúde (SUS) vira um espaço de acolhimento, construção, criação e promoção do cuidado às mulheres.

Em seguida, acompanhamos Raquel Lustosa em “*Os itinerários de Tereza: práticas de cuidado, mobilidade e luta associadas ao contexto da “micro”*”. A autora guia a leitora através da cidade de Recife-PE e apresenta Tereza, uma “mãe de micro”, mãe de Nina. Ao caminhar pela cidade com as narrativas que Tereza tece é possível vislumbrar os itinerários terapêuticos realizados e como esses estão envoltos em uma constante “luta”. A “luta” também deságua em um constante “cansaço”, que está aliado em assegurar os direitos de Nina frente ao sistema de saúde, transporte, entre outros. Nisso, é possível descortinar como os trajetos, cansaços, cuidados e vulnerabilidades sociais se aliam à vida de uma mulher-mãe-cuidadora-esposa.

O presente dossiê, como levantado acima, emergiu de experiências e trocas efervescentes em sala de aula. Embora muitos dos trabalhos tragam narrativas de campos anteriores, aquele espaço foi gerador de potentes interações, materiais, sentidos, afetos e narrativas. Deixamos aqui demarcada nossa gratidão pela série de aprendizados que os encontros, na pequena sala que abre essa apresentação, trouxeram a todas nós. Das múltiplas reflexões acerca do entrelace entre corpo e narrativa que tivemos a oportunidade de vivenciar, algumas delas encontram-se dispostas neste dossiê. Esperemos que o conjunto formado estimule debates e discussões sobre processos de adoecimento e as várias grafias que os cercam. No alinhamento entre corpos, narrativas e grafias, emergem mundos e sujeitos, em um processo antes contínuo do que estático.

Levando a público as peças aqui elencadas, e as múltiplas vozes e terrenos que cada uma contém, desejamos que elas atravessem outros terredos e se enredem em uma gama ainda maior de grafias e corpos.

Notas:

1. A apresentação está escrita no feminino, pois a disciplina era composta majoritariamente por mulheres, assim como o dossiê “CorpoGrafias”.